NCE UFRJ

Relatório Técnico

Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais

Avaliação sistêmica da evolução da escrita alfabética: uma análise componencial

Renata Mendonça da Fonseca
Carla Verônica Machado Marques

NCE - 03/25

Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO TÉRCIO PACITTI DE APLICAÇÕES E PESQUISAS COMPUTACIONAIS

Relatório Técnico, 03/25

AVALIAÇÃO SISTÊMICA DA EVOLUÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA: uma análise componencial

Renata Mendonça da Fonseca[1]
Carla Verônica Machado Marques[2]

Colaboradoras:
Carolina Fantinato
Noemi dos Santos

Rio de Janeiro
2025

[1]Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/COPPE – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
[2]Instituto Tércio Pacitti/iNCE - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

O projeto ASEEA busca reduzir as desigualdades sociais na educação, promovendo a acessibilidade e a distribuição democrática da cognição. Diferentemente dos limitados métodos tradicionais de avaliação focados em alfabetização e letramento, a ASEEA captura as múltiplas dimensões do processo de alfabetização e propõe um mapa espectral detalhado, analisando leitura, escrita e a associação entre letras e sons. O projeto atende crianças, adolescentes, jovens e adultos em diferentes contextos educacionais, oferecendo uma experiência de aprendizagem adaptada aos diferentes perfis dos alunos e permitindo uma análise integrada e simultânea de suas habilidades. A metodologia inclui o uso de um jogo educativo com uma abordagem construtivista e metacognitiva, incentivando a participação ativa dos alunos e a reflexão sobre seus processos de aprendizagem. A avaliação é feita por meio de uma Análise Componencial, o que permitirá intervenções personalizadas.

Palavras-chave: Avaliação; alfabetização; análise componencial.

ABSTRACT

The ASEEA project seeks to reduce social inequalities in education by promoting accessibility and the democratic distribution of cognition. Unlike traditional assessment methods focused on literacy, ASEEA captures the multiple dimensions of the literacy process and proposes a detailed spectral map, analyzing reading, writing, and the association between letters and sounds. The project serves children, adolescents, young adults, and adults in different educational contexts, offering a learning experience adapted to different student profiles and enabling an integrated and simultaneous analysis of their skills. The methodology includes the use of an educational game with a constructivist and metacognitive approach, encouraging active student participation and reflection on their learning processes. Assessment is conducted through Componential Analysis, which allows for personalized interventions.

Keywords: assessment; literacy; componential analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo base para Análise Componencial 9
Figura 2: Modelo base com resposta do Estudante 1 10
Figura 3: Modelo base com resposta do Estudante 2 10
Figura 4: Exemplos de escritas no Nível Pré-silábico 1 14
Figura 5: Exemplos de escritas no Nível Pré-silábico 2 14
Figura 6: Exemplos de escritas no Nível Silábico 15
Figura 7: Exemplos de escritas no Nível Silábico-Alfabético 16
Figura 8: Exemplos de escritas no Nível Alfabético 17
Figura 9: Comparativo dos cinco níveis de alfabetização 17
Figura 10: Cartão de Texto 19
Figura 11: Cartão de Imagem 19
Figura 12: Cartão de Frases 20
Figura 13: Cartões de Palavra 20
Figura 14: Cartões de Pseudopalavra 21
Figura 15: Cartões de Letra 21
Figura 16: Cartões de número 21
Figura 17: Cartões de Frase com Imagem 22
Figura 18: Cartões de Palavra com Imagem 22
Figura 19: Cartão Ditado 23
Figura 20: Cartão de Teste de Leitura 23
Figura 21: Cartão de Teste de Escrita 24
Figura 22: Formulário de Avaliação 25
Figura 23: Organização da Avaliação 26
Figura 24: ASSEA 27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **6**
1.1 PROBLEMA 7
1.2 MOTIVAÇÃO 7
1.3 OBJETIVO 7
1.4 JUSTIFICATIVA 8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **12**
2.1 NÍVEL PRÉ-SILÁBICO 1 13
2.2 NÍVEL PRÉ-SILÁBICO 2 (INTERMEDIÁRIO 1) 14
2.3 NÍVEL SILÁBICO 15
2.4 NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO (INTERMEDIÁRIO 2) 15
2.5 NÍVEL ALFABÉTICO 16
3 METODOLOGIA **18**
3.1 PÚBLICO-ALVO 18
3.2 PROCEDIMENTOS 18
3.3 INSTRUMENTOS 18
4 PROPOSTA **26**
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **28**
REFERÊNCIAS **29**

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é um tema recorrente no contexto educacional. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) (BRASIL, 2024b). O índice também é importante condutor de política pública em prol da qualidade da educação. É a ferramenta para acompanhamento das metas de qualidade para a educação básica, que estabeleceu média 6, como meta para o período (2007-2021), porém somente foi atingida em 2023 (BRASIL, 2024a).

Se analisarmos os índices de rendimento registrados pelas avaliações de larga escala no país, é possível questionar o formato, aplicação e o uso que é feito dos resultados obtidos por meio da avaliação.

Os resultados dessas avaliações dão margem à problematização dos aspectos que levam ao fracasso escolar e dos possíveis meios para revertê-lo, atuando como um elo entre o que se pretende (alfabetização, escolarização, etc.) e as ações realizadas para alcançar determinado fim (políticas públicas, intervenção pedagógica, método de ensino etc.).

Assim como a avaliação, a alfabetização está relacionada a fatores que transitam na dinâmica da sala de aula, e a tantos outros que ultrapassam os muros da escola. Enquanto fazer pedagógico, avaliar no âmbito da alfabetização exige clareza conceitual sobre o alfabetizar e sobre a complexidade que é ter a leitura e a escrita como objeto de ensino e aprendizagem.

Segundo Santos *et al.* (2020), no processo avaliativo não se pode exigir da criança, por exemplo, a capacidade de relacionar conhecimentos e experiências se no cotidiano escolar o processo de alfabetização se limita à decodificação e codificação da língua culta, desconsiderando a realidade de grande parte dos alunos. O fracasso, nesse contexto, não está associado à complexidade do processo de alfabetização, mas à forma que ele é concebido, conduzido e avaliado.

Ao cumprir sua função pedagógica-didática, a avaliação permite que o professor reflita sobre o nível de qualidade de seu trabalho, o que no âmbito da sala de aula permitiria a recondução de suas práticas e, em uma escala macro, iria de encontro às injustiças relacionadas à padronização do conhecimento – deslocando a atenção ao ser que aprende (FERREIRO, 1999) – e da avaliação.

No entanto, considerando que em uma mesma turma podemos encontrar crianças em diversos estágios de desenvolvimento cognitivo-linguístico, como avaliá-las de forma a proceder com uma intervenção individualizada? É necessário reconhecer e respeitar as diferenças individuais de cada aluno, oferecendo uma experiência de aprendizagem ergonômica, que se adapte às características específicas de cada estudante.

Em vista disso, a ASEEA é um projeto de acessibilidade para diminuição das desigualdades sociais na educação, através da distribuição democrática da cognição. Esse é um projeto que visa o emprego em larga escala de uma avaliação em alfabetização e letramento, que promova uma abordagem interventiva personalizada e inclusiva.

Distante do método tradicional de ensino, que se baseia na aplicação de testes objetivos para avaliar o desempenho dos estudantes, a proposta adotada consiste em utilizar um jogo educativo, no qual os alunos serão incentivados a participar ativamente. Nesse contexto, os professores atuarão com uma abordagem pedagógica construtivista, que prioriza a construção do conhecimento a partir da interação dos alunos com o conteúdo, e metacognitivista, que visa desenvolver a consciência dos alunos sobre seus próprios processos de aprendizagem, estimulando-os a refletir sobre suas estratégias e o entendimento adquirido.

1.1 PROBLEMA

O ASEEA surgiu a partir da necessidade de realizar uma avaliação espectral do desenvolvimento de crianças em fase de alfabetização. Em outras palavras, trata-se de uma análise detalhada e componencial do nível de alfabetização dos estudantes, visando identificar de forma precisa as diferentes dimensões do seu processo de aprendizagem.

1.2 MOTIVAÇÃO

A ausência de uma análise espectral detalhada resulta na tentativa de classificar os estudantes em uma única categoria. Nesse contexto, o SAEB (Sistema de Avaliação da Alfabetização na Educação Básica) adota a prática de aplicar provas aos alunos e questionários aos professores, com o intuito de gerar Relatórios do INEP/MEC sobre o processo de alfabetização. Essa abordagem, embora útil, não consegue capturar as múltiplas dimensões do desenvolvimento da alfabetização de forma mais precisa e abrangente

1.3 OBJETIVO

Oferecer uma Análise Componencial sobre o Nível de Alfabetização dos Estudantes, a partir de uma combinatória das performances dos alunos nos três eixos descritos: escrita,

leitura e associação entre letras e sons; coletado com material tangível e manipulável de avaliação da leitura e da escrita.

Assim, o objetivo geral da proposta é a AVALIAÇÃO SISTÊMICA EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO para a transformação do conceito de educação e acessibilidade ao aprendizado Metacognitivo, com experimentação inicial nas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro.

1.4 JUSTIFICATIVA

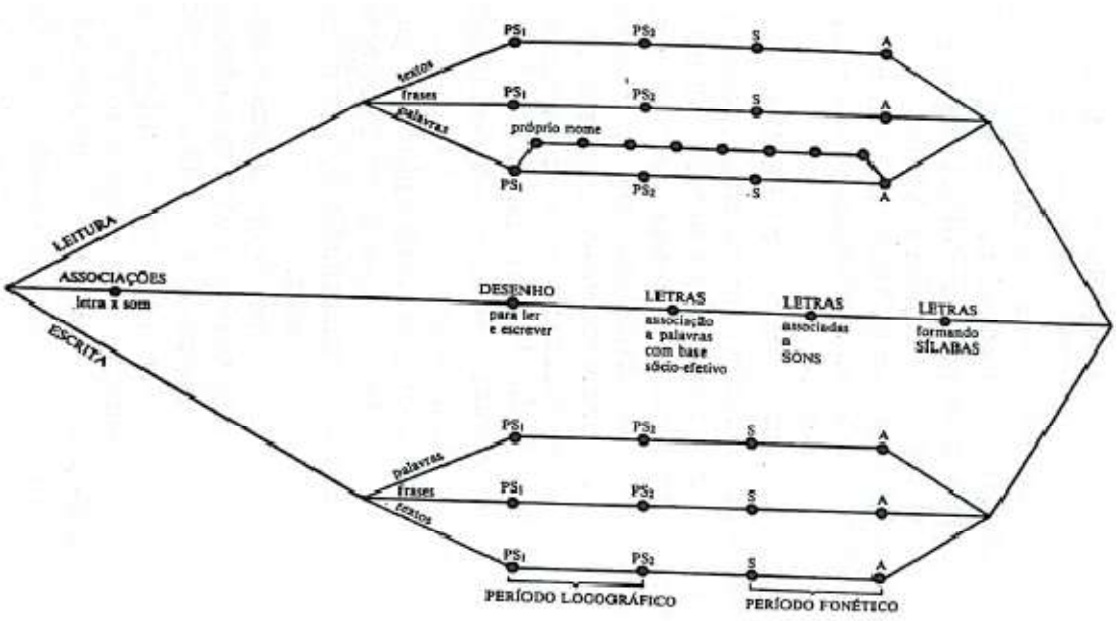
Há uma necessidade urgente de realizar uma análise componencial detalhada de diversos marcadores que definem o nível de complexidade no domínio do processo de alfabetização de cada estudante de forma INDIVIDUAL. O processo de aquisição da escrita e da leitura não ocorre de maneira simultânea; eles se desenvolvem em etapas distintas e, muitas vezes, paralelas. Além disso, a associação entre sons e letras representa um desafio que, por si só, está intimamente ligado à compreensão de como as letras se combinam para formar a escrita e possibilitar a leitura de palavras, frases e textos.

Como aponta Grossi (1990, p. 59), “a caracterização de cada nível não é estanque e perfeitamente definida, porque há noções que se formam simultaneamente” sem uma relação hierárquica entre elas, e há questões que atravessam múltiplos níveis. Isso significa que o processo de alfabetização é dinâmico e envolve interações complexas entre diferentes aspectos da aprendizagem.

Com base na análise do mapa componencial individual de aquisições, é possível traçar planos de intervenção personalizados para cada estudante, ou até mesmo para grupos específicos de alunos, garantindo uma abordagem mais eficaz e adaptada às necessidades de cada um.

O modelo descrito na Figura 1, apresentada a seguir, está sendo utilizado como um guia para a realização dessa Análise Componencial, orientando a forma como essas informações devem ser apresentadas e interpretadas.

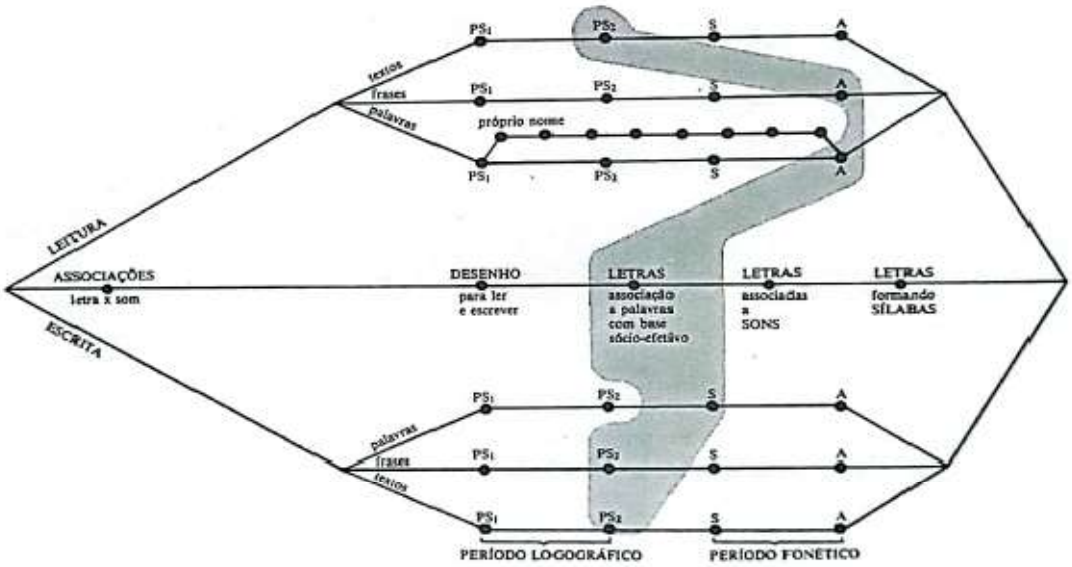
Figura 1: Modelo base para Análise Componencial



Fonte: GROSSI, 1990

A Figura 2 mostra o modelo espectral do desempenho considerado raro, pois este estudante apresenta escrita silábica de palavras, enquanto pré-silábica na frase, mas mostrou-se alfabético na leitura de seu próprio nome, bem como de outras palavras e uma frase. No entanto, era pré-silábico para ler textos, e na associação entre letras e sons demonstrou correlações intrigantes que possibilitaram à professora realizar intervenções didáticas específicas.

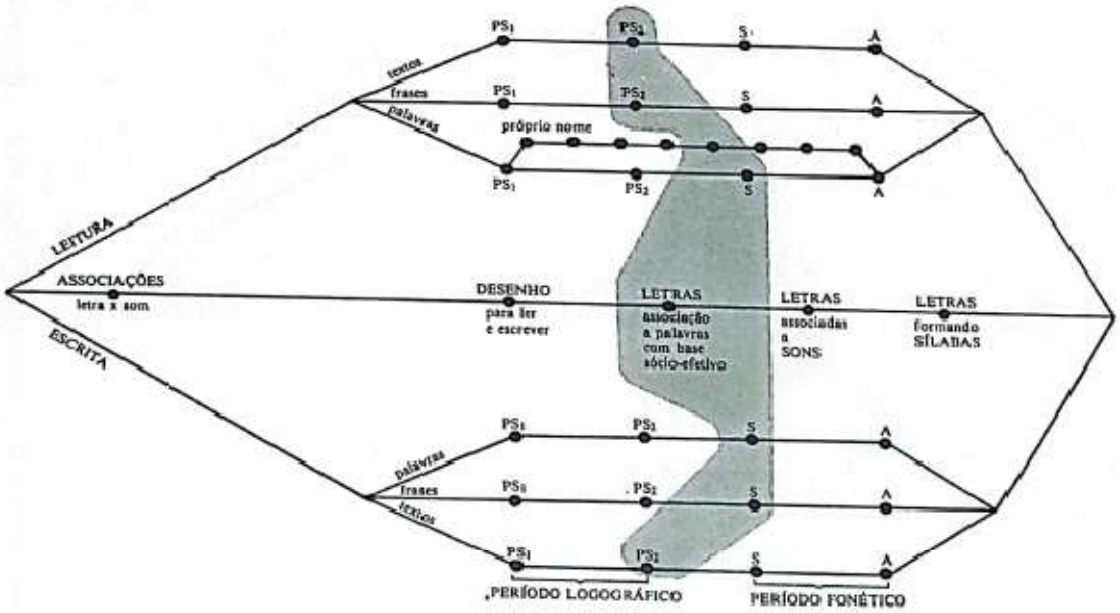
Figura 2: Modelo base com resposta do Estudante 1



Fonte: GROSSI, 1990

Na Figura 3, é possível notar, em sua Análise Componencial, que este estudante tem um conjunto muito mais homogêneo de resposta em relação ao anterior.

Figura 3: Modelo base com resposta do Estudante 2



Fonte: GROSSI, 1990

O modelo apresentado neste Relatório tem natureza simultânea, espectral, componencial que gera a possibilidade de ver a aprendizagem de acordo com um mapa, por isso o chamamos de Mapa Componencial.

O modelo linguístico de Grossi (1990) é entendido por nós como um modelo de engenharia computacional, pois o utilizamos para fazer uma análise componencial, uma vez que avaliamos as competências da criança simultaneamente.

O ASEEA foi concebido para atender crianças de diferentes estágios de desenvolvimento cognitivo-linguístico e oferecer a esses estudantes uma experiência de ensino ergonômica às suas necessidades específicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa se baseia nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre a psicogênese da escrita. As autoras substituíram o “como se ensina?” pelo “como se aprende?”, mudando, assim, a questão epistemológica básica das pesquisas nessa área, assim como a perspectiva de onde era olhada a alfabetização.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), apesar das investigações de Piaget não terem abrangido a lectoescrita, sua teoria pode ser considerada como uma teoria geral dos processos de aquisição de conhecimento, que nos permite compreender qualquer processo de aquisição de conhecimento. Assim, as autoras introduziram a escrita enquanto objeto de conhecimento e o sujeito de aprendizagem, enquanto sujeito cognoscente.

Campelo (2015) explica que o objeto de estudo (a alfabetização) acontece num processo evolutivo como aprendizagens conceituais que se (re)constroem na interação do sujeito do conhecimento (o alfabetizando) com o objeto de conhecimento (a língua escrita), em situações mediadas por outros sujeitos (professor/colega) e pelo signo linguístico.

A autora complementa que as descobertas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky representam uma “revolução conceitual no âmbito da alfabetização, sobretudo porque nos esclarecem sobre a gênese do conhecimento acerca da língua escrita pelo alfabetizando” (2020, p. 194).

Ferreiro e Teberosky (1990) buscaram revelar o processo pelo qual a criança compreende a escrita como um sistema de representação da fala, identificando as sucessivas etapas desse processo, que dão suporte e fundamentação para o processo de alfabetização.

Assim conhecendo os processos de aprender, vivenciados pelo alfabetizando, têm-se elementos orientadores para elaboração de métodos de ensinar, ou seja, se se entende como se aprende, é possível melhorar como se ensina.

A partir desta ideia, percebe-se a importância de visualizar e entender o espectro em que se encontra o alfabetizando, pois de posse da análise componencial individual é possível direcionar a aplicação de intervenção para cada estudante individualmente, ou mesmo em grupo, pois após a análise individual é possível obter-se uma análise da turma/grupo.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), apesar das investigações de Piaget não terem abrangido a lectoescrita, sua teoria pode ser considerada como uma teoria geral dos processos de aquisição de conhecimento, que nos permite compreender qualquer processo de aquisição de conhecimento. Assim, as autoras introduziram a escrita enquanto objeto de conhecimento e o sujeito de aprendizagem, enquanto sujeito cognoscente.

Assim, Ferreiro e Teberosky (1999) definiram cinco níveis de evolução da escrita e da leitura, detalhados a seguir:

2.1 NÍVEL PRÉ-SILÁBICO 1

Neste nível, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. se esta forma básica é a escrita de imprensa, tem-se grafismos separados entre si, compostos de linhas curvas e retas ou de combinações entre ambas. Se a forma básica é a cursiva, tem-se grafismos ligados entre si com uma linha ondulada como forma de base, na qual se inserem curvas fechadas ou semifechadas (Figura 4).

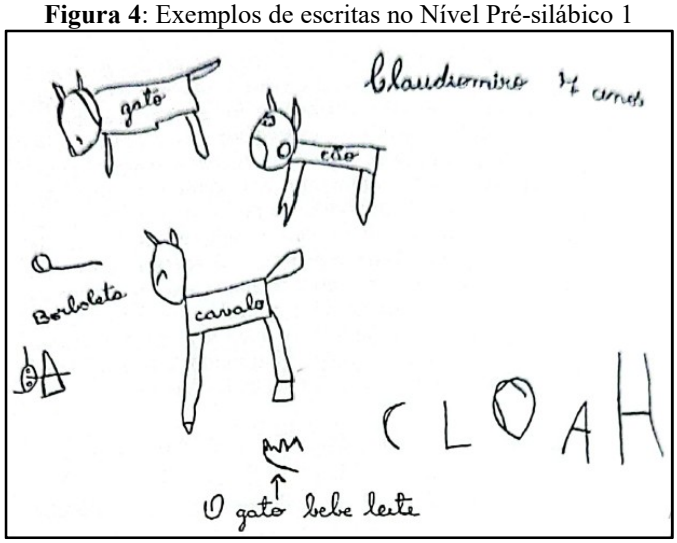
Quanto à interpretação da escrita, neste nível, a intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado: todas as escritas se assemelham muito entre si.

No entanto, podem aparecer tentativas de correspondências entre a escrita e o objeto referido.

Alguns marcadores do Nível Pré-Silábico 1 são:

- Escrever e desenhar têm o mesmo significado;
- Não relaciona a escrita com a fala;
- Caracteriza uma palavra como letra inicial;
- Não diferencia letras de números;
- Reproduz traços típicos da escrita de forma desordenada;
- Supõe que a palavra representa o objeto, não o nome;
- Acredita que coisas grandes têm nomes grandes e coisas pequenas têm nomes pequenos (realismo nominal);
- Usa letras do nome para escrever tudo;
- Não aceita que seja possível escrever e ler com menos de três letras;
- Leitura global: lê a palavra como um todo.

Figura 4: Exemplos de escritas no Nível Pré-silábico 1



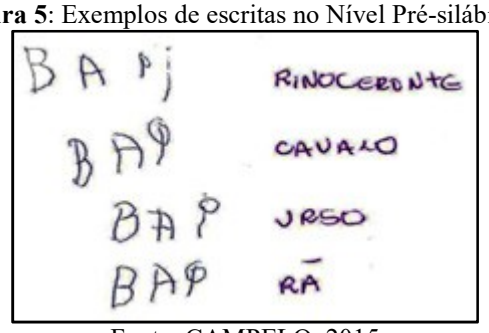
Fonte: GROSSI, 1990

2.2 NÍVEL PRÉ-SILÁBICO 2 (INTERMEDIÁRIO 1)

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 202), a hipótese central deste nível é que "para poder ler coisas diferentes, deve haver uma diferença objetiva na escrita" (Figura 5). Assim, alguns marcadores deste nível são:

- Começa a supor que a escrita representa a fala;
- Pode escrever algumas palavras de memória, como o próprio nome;
- Começa a desvincular a escrita das imagens, dos números e das letras;
- Pode usar muitas letras para escrever, e ao fazer a leitura, aponta uma letra para cada fonema;
- Não atribui valor sonoro às letras;
- Conserva as hipóteses de quantidade mínima e da variedade de caracteres;
- Começa a diferenciar letras e números.

Figura 5: Exemplos de escritas no Nível Pré-silábico 2



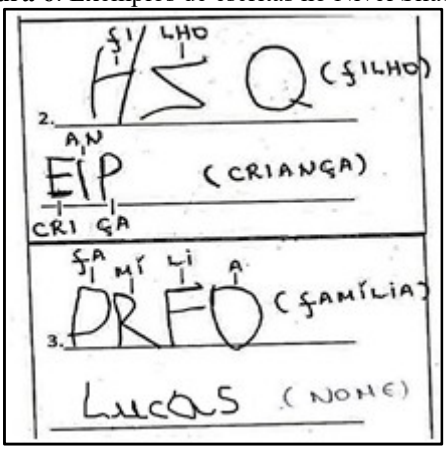
Fonte: CAMPELO, 2015

2.3 NÍVEL SILÁBICO

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 209), este nível se caracteriza “pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita”. Assim surge, evolutivamente, a hipótese silábica, quando o aprendente supõe que cada letra vale por uma sílaba, caracterizando um salto qualitativo em respeito aos níveis anteriores (Figura 6).

- Já supõe que a escrita representa a fala;
- Usa uma letra para representar cada fonema;
- Ao escrever frases, pode usar uma letra para cada palavra;
- Atribui valor sonoro às letras.

Figura 6: Exemplos de escritas no Nível Silábico



Fonte: CAMPELO, 2015

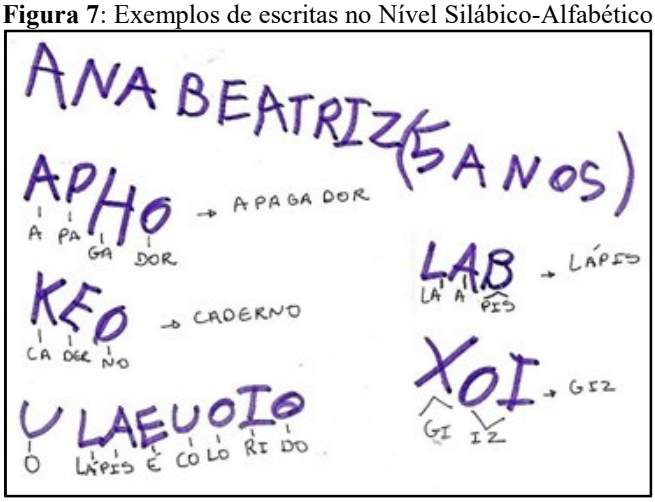
2.4 NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO (INTERMEDIÁRIO 2)

Este nível representa a “passagem da hipótese silábica para a alfabética” (FERREIRO E TEBEROSKY,1999, p. 214), quando o aprendente percebe que precisa fazer uma análise além das sílabas, pois a hipótese silábica entra em contradição com o valor sonoro atribuído às letras (Figura 7).

Alguns marcadores do nível silábico-alfabético são:

- Inicia a superação da hipótese silábica;
- Compreende que a escrita representa os sons da fala;
- Percebe a necessidade de mais de uma letra para a maioria das sílabas;
- Pode dar ênfase à escrita dos sons das vogais ou só das consoantes;
- Atribui o valor do fonema em algumas letras como na palavra CABELO (KBLO).

Figura 7: Exemplos de escritas no Nível Silábico-Alfabético



Fonte: CAMPELO, 2015

2.5 NÍVEL ALFABÉTICO

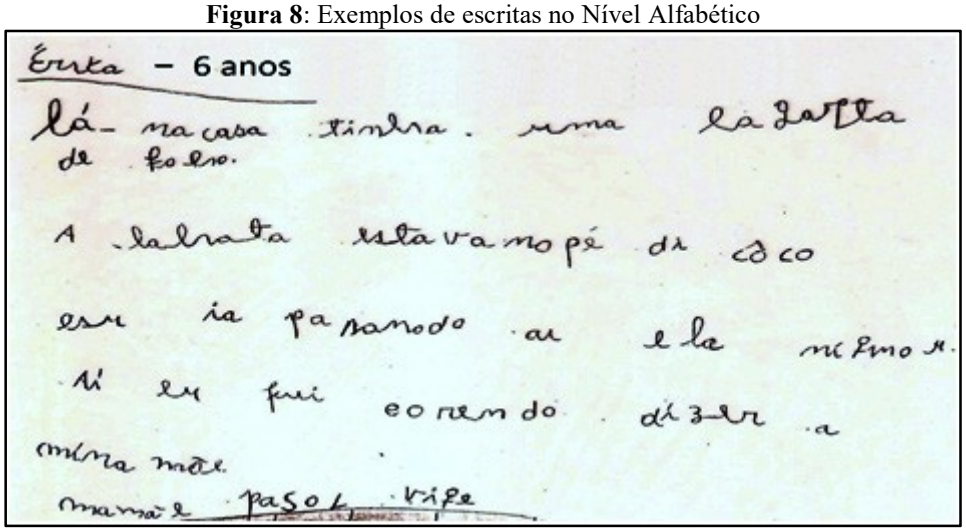
Este nível representa o final desta evolução de escrita/leitura. Ao chegar aqui, o estudante já rompeu a barreira do código, entendeu que cada caracter da escrita corresponde a um valor sonoro menor que a sílaba e sistematicamente analisa o som dos fonemas de palavras que venha a escrever (Figura 8).

As dificuldades a partir deste nível relacionam-se principalmente à ortografia, propriamente dita, cujas dificuldades não podem ser confundidas com dificuldades de compreensão do sistema de escrita.

Alguns marcadores do nível alfabético são:

- Compreende o uso social da escrita: comunicação;
- Conhece o valor sonoro de todas ou quase todas as letras;
- Apresenta estabilidade na escrita das palavras;
- Procura adequar a escrita à fala;
- Faz leitura do escrito convencional;
- Inicia preocupação com as questões ortográficas;
- Separa as palavras quando escreve frases;
- Inicia a produção de texto de forma convencional.

Figura 8: Exemplos de escritas no Nível Alfabético



Fonte: CAMPELO, 2015

A Figura 9 abaixo mostra um comparativo entre os cinco níveis de evolução da alfabetização.

Figura 9: Comparativo dos cinco níveis de alfabetização

Fonte: Internet, 2024

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada na pesquisa consistiu na realização de entrevistas individuais, conduzidas por monitoras devidamente treinadas para garantir a qualidade e a consistência das informações coletadas. Essas entrevistas foram realizadas de forma cuidadosa e estruturada, com o objetivo de captar uma compreensão profunda sobre os temas abordados.

Além disso, a coleta e a análise dos dados foram realizadas por meio de uma abordagem quali-quantitativa, que combinou tanto a análise qualitativa, focada na interpretação de aspectos subjetivos e contextuais das respostas, quanto a análise quantitativa, que permitiu a quantificação e a mensuração das variáveis relevantes para a pesquisa. Essa combinação metodológica possibilitou uma análise mais robusta e detalhada, proporcionando uma visão mais ampla e precisa do fenômeno investigado.

3.1 PÚBLICO-ALVO

Estudantes matriculados na rede pública municipal, que se encontram em situação de alta vulnerabilidade social, e que integram turmas especiais, compostas por alunos que apresentam uma significativa distorção idade-série. Esses alunos enfrentam desafios educacionais específicos, pois suas idades não correspondem à série escolar em que se encontram, devido a fatores como dificuldades de aprendizagem, lacunas educacionais ou interrupções no processo escolar, o que exige uma abordagem pedagógica diferenciada e um suporte contínuo para o seu desenvolvimento acadêmico e social.

3.2 PROCEDIMENTOS

Entrevistas Individuais.

3.3 INSTRUMENTOS

A) Cartas de Aplicação

Cartas feitas em PVC, desenvolvidas pela equipe executora conforme as categorias:

a) Textos: Os cartões de texto são resumos de histórias do tipo conto, lenda, mito ou fábula, como Os três porquinhos, O Curupira, Chapeuzinho Vermelho, Bumba meu boi, entre outras. Todos os textos são escritos com letras maiúsculas (Figura 10).

Figura 10: Cartão de Texto

OS TRÊS PORQUINHOS

TRÊS PORQUINHOS IRMÃOS PRECISAVAM CONSTRUIR SUAS CASAS. OS DOIS MAIS NOVOS ERAM PREGUIÇOSOS, ENQUANTO O MAIS VELHO ERA PREVENIDO.

O MAIS NOVO FEZ UMA CASA DE PALHA, O IRMÃO DO MEIO DE MADEIRA E O MAIS VELHO DE TIJOLOS. UM LOBO APARECEU E DERRUBOU AS CASAS MAIS FRACAS. O IRMÃO MAIS VELHO OS ABRIGOU E GARANTIU QUE TUDO CORRERIA BEM.

O LOBO TENTOU DERRUBAR A CASA DE TIJOLOS, MAS NÃO CONSEGUIU E FOI EMBORA.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

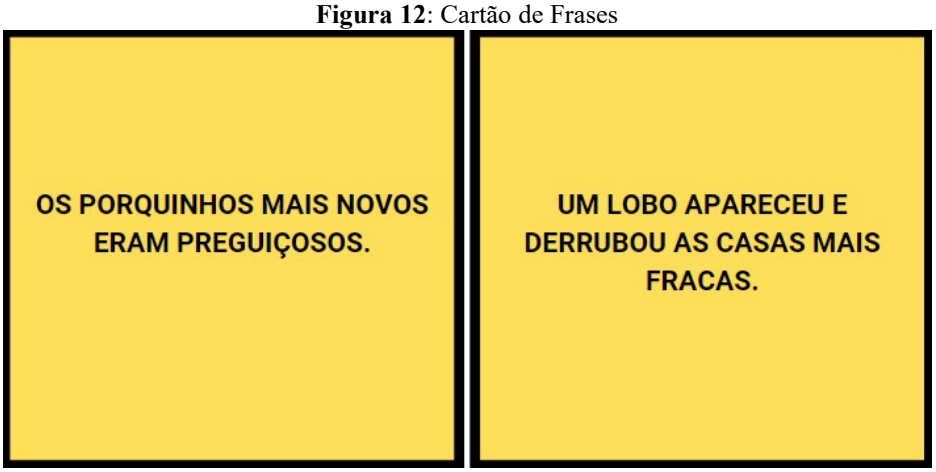
b) Imagens: Imagens (Figura 11) referentes às histórias dos cartões textos.

Figura 11: Cartão de Imagem

Fonte: Arquivo pessoal do autor

c) Frases: As frases desses cartões foram extraídas dos textos, dois cartões com frases, para cada cartão de texto (Figura 12). Todas as frases são escritas com letras maiúsculas.

Figura 12: Cartão de Frases



Fonte: Arquivo pessoal do autor

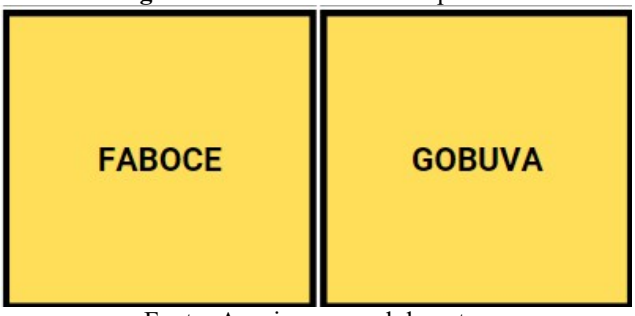
d) Palavras: As palavras desses cartões foram extraídas das frases dos textos, dois cartões de palavras para cada frase, ou seja, quatro cartões de palavras para cada cartão de texto (Figura 13). Todas as palavras são escritas com letras maiúsculas.

Figura 13: Cartões de Palavra

Fonte: Arquivo pessoal do autor

e) Pseudopalavras: As pseudopalavras são sequência de caracteres que compõem um todo pronunciável, mas carentes de significado. Foram elaboradas com cinco ou seis letras, cujas sílabas são no formato C+V (consoante + vogal). Estas palavras obedecem às regras ortográficas, morfológicas e de pronúncia (Figura 14).

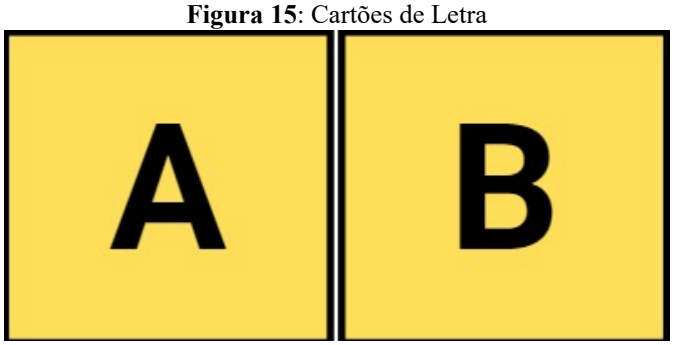
Figura 14: Cartões de Pseudopalavra



Fonte: Arquivo pessoal do autor

f) Letras: Cada cartão contém uma letra do alfabeto (Figura 15). Todas as letras são escritas em maiúsculas.

Figura 15: Cartões de Letra



Fonte: Arquivo pessoal do autor

g) Números: Cada cartão contém um algarismo, de 0 a 9 (Figura 16).

Figura 16: Cartões de número

Fonte: Arquivo pessoal do autor

h) Frase com Imagem: Nestes cartões há uma imagem e uma frase que, apesar de ter relação com a imagem, não a descreve com exatidão. Para ler estas frases não basta intuir o que pode estar escrito (Figura 17).

Figura 17: Cartões de Frase com Imagem

Fonte: Arquivo pessoal do autor

i) Palavra com Imagem: Nestes cartões há uma imagem e uma palavra que, apesar de ter relação com a imagem, não a descreve com exatidão. Para ler estas palavras não basta intuir o que pode estar escrito a partir da imagem (Figura 18).

Figura 18: Cartões de Palavra com Imagem

Fonte: Arquivo pessoal do autor

j) Cartão Ditado: Palavras para ditado, referentes aos níveis de alfabetização descritos por Ferreiro (1999), mostrado na Figura 19 abaixo.

Figura 19: Cartão Ditado

Ditado nível pré-silábico I

BORBOLETA – COELHO – PATO – BOI
"O PATO NADA NO LAGO"

Ditado nível pré-silábico II

PATINETE – CADEIRA – BOLA – PÁ
"EU BEBI SUCO DE UVA"

Ditado nível silábico

BICICLETA - BOLICHE - QUADRA - CHÃO
"EU GOSTO DE ANDAR DE BICICLETA"

Ditado nível alfabético

PROFESSORA - ERA - CHUVEIRO - PLANTA - JEITO - ANDANDO - DINHEIRO - MONSTRO - PNEUMONIA - TÁXI
"ELE ESTAVA ANDANDO DE TÁXI COM DINHEIRO NO VASO DE PLANTA"

Fonte: Arquivo pessoal do autor

A) Avaliação de Leitura

Os testes são iniciados pela Avaliação de Leitura, para tanto, utiliza-se um cartão duplo com algumas perguntas e orientações que devem ser direcionadas ao estudante que está sendo avaliado.

Vale ressaltar que estas perguntas são apenas direcionamentos, portanto, podem ser adequadas às situações que ocorrem durante as avaliações. O mediador deve tê-las em mente, sabendo que pode fazer pequenos ajustes dependendo do desenrolar do teste.

Figura 20: Cartão de Teste de Leitura

TESTE LEITURA: Iniciar com Livro de Histórias conhecidas com desenhos (Deixar folhear)
1. *Aponta para mim onde está desenhado.*
2. *Aponta para mim onde está escrito.*
3. *Você acha que essa história fala sobre o quê?*
4. Pegar cartões FRASES COM DESENHOS.
5. *Pode ler pra mim? Acompanha com o dedinho.*
6. Pegar cartões PALAVRAS COM DESENHOS.
7. *Pode ler pra mim? Acompanha com o dedinho pra eu ver.*
8. Pegar cartões LETRAS e NÚMEROS. *Pra que serve?* (apontar individualmente cada grupo)
9. *Qual o nome dessa combinação?* Formar número com 2 cartões de números.

TESTE LEITURA – TEXTO (Cartões TEXTOS)
10. *Pode ler pra mim o que está escrito? Coloque o dedinho pra eu saber onde você tá lendo.**
Se Alfabético, fazer 3 perguntas sobre o texto.

TESTE LEITURA – FRASE (Cartões FRASES)
11. Repetir pergunta 10.
12. (Cartão EU BEBI SUCO DE ABACAXI) Repetir pergunta 10.

TESTE LEITURA – PALAVRA
13. (Cartões palavras AAAAA e SMSNH) *Pra que serve?*
14. (Cartões PALAVRAS) Repetir pergunta 10.

* Fazer isso com cada um dos cartões

Fonte: Arquivo pessoal do autor

B) Avaliação de Escrita

Após a Avaliação de Leitura, inicia-se a Avaliação de Escrita. É importante disponibilizar papel, lápis de cor, canetinhas para os estudantes que serão avaliados.

Assim como na Leitura, o Cartão do Teste de Escrita é duplo e sugere perguntas e orientações que devem ser direcionadas ao estudante que está sendo avaliado (Figura 21).

Figura 21: Cartão de Teste de Escrita

TESTE ESCRITA
1. *Faz um desenho pra mim? Escreva o nome do seu desenho.*
2. *Agora, uma frase sobre ele.*
3. *Mostra pra mim onde está desenhado e onde está escrito.*
4. *Escreva a palavra CASA. Que letra é essa?* Apontar para o S.
5. *Escreva pra mim a palavra FELICIDADE.*
6. *Escreva pra mim FORMIGA e LEÃO.*
7. Apontar para alguma letra: *Que letra é essa?*
8. *Escreva pra mim uma palavra que você sabe.*
9. Repetir instrução 7.
10. *Você conhece algum um título importante?*
11. Repetir instrução 7.
12. *Escreva um número pra mim. Que número é esse?*
13. Ditar números de 1 a 9. Apontar para o 8: *Que número é esse?*
14. Desenhe 5 bolas pra mim.

DITADO
Composto de: 1 Texto, 1 Frase com todos os níveis de palavras e 10 Palavras (nesta ordem).

É imprescindível pedir que a criança leia o que escreveu ao final da aplicação.

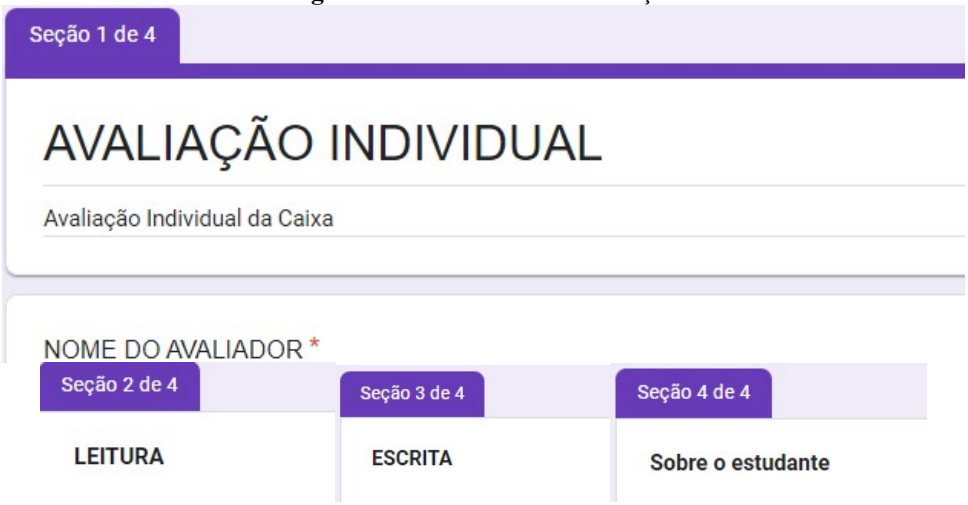
Fonte: Arquivo pessoal do autor

C) Questionário

Para responder ao questionário, o avaliador deverá preencher um formulário que consiste em 133 (cento e trinta e três) perguntas. Essas perguntas estão organizadas em duas categorias principais: Avaliação de Leitura e Avaliação de Escrita. Dentro dessas categorias, as questões podem abordar diferentes aspectos da linguagem, como textos, frases e palavras, de forma separada, conforme ilustrado na Figura 22 a seguir.

O formulário deve ser preenchido após a conclusão da avaliação, garantindo que todos os dados sejam registrados de maneira adequada e completa. Para maior praticidade, o formulário pode ser acessado diretamente do celular do mediador, facilitando o processo de coleta e análise das informações

Figura 22: Formulário de Avaliação



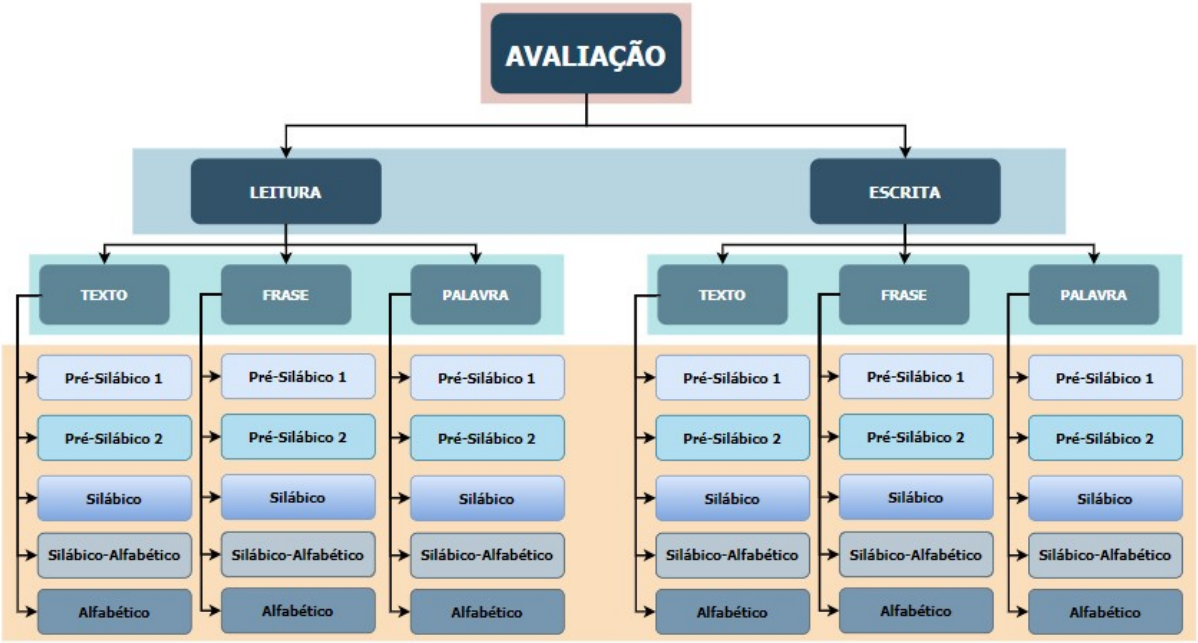
Fonte: Arquivo pessoal do autor

4 PROPOSTA

A proposta desta pesquisa é um instrumento de mensuração construído para avaliação do processo evolutivo implícito da aprendizagem da língua escrita, envolvendo as etapas de decifração do código alfabético.

Este instrumento promove a geração de um mapa componencial de indicadores de qualidade acerca do pensamento aprendente, que, por sua vez, permitirá o desenvolvimento de um modelo de intervenção sistêmico, complexo e multidimensional (Figura 23).

Figura 23: Organização da Avaliação



Fonte: Elaborado pela autora

O instrumento, chamado ASEEA (Avaliação Sistêmica da Evolução da Escrita Alfabética), é composto de: cartas com texto, imagem, frases, palavras, pseudo-palavras, letras, números, frases com imagens, palavras com imagens; guia de aplicação; formulário de avaliação (Figura 24).

Figura 24: ASSEA

Fonte: Arquivo pessoal do autor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi cuidadosamente concebido para atender crianças em diversos estágios de desenvolvimento cognitivo-linguístico e de aprendizagem, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de cada aluno. Ele oferece uma experiência de aprendizagem ergonômica, que se adapta às características específicas de cada estudante, proporcionando uma abordagem personalizada que favorece a construção do conhecimento de forma eficaz e confortável.

Ao considerar os perfis de aprendizagem diversos, o projeto busca criar um ambiente educacional inclusivo, no qual todos os alunos possam se desenvolver de maneira plena, independentemente de suas condições iniciais.

Além disso, a proposta possibilita uma análise aprofundada do processo de aprendizagem, permitindo visualizar e acompanhar o progresso dos alunos por meio de um mapa de componentes. Esse mapa, apresentado de forma simultânea, integra diferentes aspectos do desenvolvimento educacional, como leitura, escrita e a associação entre letras e sons, facilitando uma compreensão holística e precisa do nível de alfabetização de cada estudante. Com isso, é possível identificar com clareza as áreas que necessitam de intervenção, promovendo um acompanhamento contínuo e eficaz no percurso educativo de cada aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** (INEP): Brasília, 2024. Brasil avança nos anos iniciais do ensino fundamental. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/ideb/brasil-avanca-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental. Acesso em 23 ago. 2024a.

BRASIL. **Índice De Desenvolvimento Da Educação Básica** (Ideb). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira: Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb. Acesso em: 23 ago. 2024b.

CAMPELO, M. E. C. H. Psicogênese da língua escrita: referência fundamental para a compreensão do processo de alfabetização. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 53, n. 39, p. 186-217, set./dez. 2015.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GROSSI, E. P. **Didática da alfabetização**. Didática do nível pré-silábico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANTOS, P.; et al. Instrumentos de Avaliação da Alfabetização: Uma Revisão Sistemática. VII Congresso Nacional de Educação. CONEDU. Maceió, AL. 15 a 17 out. 2020.

Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Cx. Postal: 2324 - CEP: 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ
Tel: (21) 2598-3212/2598-3130 - FAX: (21) 2270-8554